FREE BOOKS

UM DRAMA NO MÉXICO

JÚLIO VERNE

FREE BOOKS

UM DRAMA NO MÉXICO

JÚLIO VERNE

JÚLIO VERNE

UM DRAMA NO MÉXICO

Tradução de António Manuel Cunha e Sá

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL – CLÁSSICOS ESTRANGEIROS
AVENTURA

Título: UM DRAMA NO MÉXICO.

Autor: Júlio Verne (1828 – 1905).

Tradução: António Manuel da Cunha e Sá (1854-1909).

Imagem da capa: Iván Tamás/Pixaby.

Leiaute da capa: Canva.

Série: Clássicos Estrangeiros – vol. 42.

Editor: Free Books Editora Virtual.

Site: www.freebookseditora.com

Direitos: Original e tradução de domínio público (art. 41, *caput* da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998). Adaptação textual: © Paulo Soriano. Proibida a reprodução sem autorização prévia e expressa do editor.

Ano: 2018.

Sites recomendados:

www.triumviratus.net, www.contosdeterror.com.br,

www.contosdeterror.site

SUMÁRIO

UM DRAMA NO MÉXICO

SOBRE O AUTOR

UM DRAMA NO MÉXICO

I

Da Ilha Guajan a Acapulco

No dia 18 de outubro de 1825, arribavam dois navios espanhóis à ilha Guajan, no arquipélago das Marianas. O primeiro era uma nau de linha, o segundo um brigue de oito peças. A nau chamava-se *Ásia*, o brigue *Constância*. Havia seis meses que estes dois navios tinham largado de Espanha, e entre as suas respectivas tripulações, mal pagas, mal alimentadas e extenuadas de trabalho, agitavam-se já em voz baixa alguns projetos de revolta. Era a bordo do *Constância*, comandado pelo capitão D. Orteva, homem de energia inabalável, que se tinham mais particularmente pronunciado os sintomas da insubordinação. O brigue experimentara em seu rumo avarias tão imprevistas que a causa delas não podia deixar de se atribuir a uma premeditada malevolência. O *Ásia*, comandado por D. Roque de Guzuarte, fora obrigado também a arribar com o brigue. Numa noite, aparecera desarranjada a agulha de marear sem se saber por que motivo. Noutra, desprenderam-se os ovéns de mezena, como se os tivessem cortado, vindo abaixo o respetivo mastro com todo o seu aparelho. Enfim, os gualdropes do leme rebentaram por duas vezes durante uma importante manobra.

A ilha Guajan, como todo o arquipélago das Marianas, está subordinada à Capitania-Geral das ilhas Filipinas. Os espanhóis, achando-se ali numa colônia sua, puderam fácil e rapidamente reparar as avarias recebidas.

Durante a estada em terra, proveniente dessa demora, D. Orteva fez sentir a D. Roque a falta de disciplina que tinha notado a bordo do brigue. Os dois comandantes combinaram entre si que era preciso redobrar de vigilância e de severidade.

Havia especialmente dois homens que D. Orteva não devia largar de vista: o tenente Martinez e o gajeiro Venâncio.

O tenente Martinez já tinha estado preso por diferentes vezes, em consequência dos seus conluios celebrados com a marinhagem no castelo de proa. Durante os dias de castigo que lhe impusera o comandante, fora o guarda-

marinha Pablo quem o substituíra nas suas obrigações de bordo. Quanto ao gajeiro Venâncio, dois traços bastavam para lhe definir as qualidades: caráter vil e repugnante, capaz de praticar toda a casta de infâmias pela mira do interesse. Quem não deixava de o vigiar constantemente era o contramestre Miguel, homem de bem às direitas, em cuja probidade o comandante depositava inteira confiança.

O guarda-marinha Pablo era um moço de sentimentos elevados, leal e corajoso, um desses moços a quem a generosidade inspira grandes rasgos. Órfão desde criança, devia tudo o que era ao comandante D. Orteva. Pelo seu benfeitor, seria até capaz de se lançar ao fogo. Levado pelo ardor da idade e pelos impulsos do coração, nunca se demorava a conversar com o contramestre Miguel que não pusesse bem em relevo o grande amor de filho que sentia por D. Orteva. Nessas conversas, o honrado Miguel apertava sempre comovido as mãos do guarda-marinha, porque sabia compreender o que ele tão entusiasticamente lhe narrava.

O comandante D. Orteva podia, pois, descansar deste lado: tinha ali dois corações verdadeiramente dedicados, com os quais devia contar para todos os lances. Mas de que serviam três homens sós contra a quebra de disciplina de uma tripulação inteira? Quanto mais eles se empenhavam por abafar estas pronunciadas tendências de discórdia, mais o tenente Martinez, o gajeiro Venâncio e outros marinheiros se envolviam na senda tortuosa da rebelião.

Na véspera de a nau e o brigue se fazerem de vela, achavam-se reunidos em Guajan, numa taberna de sórdido aspecto, o tenente Martinez, alguns contramestres e uns vinte marinheiros pertencentes aos dois navios.

— Camaradas — dizia Martinez —, por efeito das avarias que tão oportunamente preparamos, tiveram os nossos navios de arribar a esta ilha. Foi devido a isso que eu pude vir agora aqui falar-lhes em segredo.

— Bravo! — exclamaram todos a uma voz.

— Fale, fale, meu tenente, e deixe-nos ver qual é o plano — disseram alguns dos marinheiros.

— O meu plano é este — respondeu Martinez. — Logo que estejamos senhores dos navios, deveremos seguir rumo com eles para as costas do México. Bem sabem que a nova Confederação não tem vasos de guerra. Por conseguinte, vender-lhe-emos a nau e o brigue por um preço que não há de ser regateado. Desta forma não só trataremos de pôr em dia os nossos soldos atrasados, como

também repartiremos em comum o que sobrar do produto da venda.

— E que sinal deveremos adotar — perguntou o gajeiro Venâncio — para que a bordo dos dois navios rebente o movimento ao mesmo tempo?

— O sinal será um foguete deitado de bordo do *Ásia* — informou Martinez.

— Deve ser esse o momento de pôr tudo em ação. Nós somos dez contra um, e os oficiais da nau e do brigue hão de ver-se paralisados antes mesmo de saberem o que é que se passa a bordo.

— Quando aparecerá o sinal? — perguntou um dos contramestres do *Constância.*

— Daqui a alguns dias, quando estivermos na altura da ilha de Mindanau.

— O pior é se os Mexicanos dão em receber-nos a tiro — objetou o gajeiro Venâncio. — Se não me engano, a Confederação publicou um decreto que manda exercer grande vigilância sobre todos os navios espanhóis. Quem sabe, portanto, se em vez de ouro nos vão mandar pelo través alguma dose de ferro e chumbo?

— Sossega, Venâncio. Temos um meio para nos darmos de longe a conhecer.

— Qual é?

— Içar o pavilhão do México no penol das nossas caranguejolas.

E, dizendo isto, Martinez pôs diante dos olhos da assembleia uma bandeira verde, branca e encarnada.

A aparição desta divisa da recente independência mexicana causou de súbito profundo silêncio entre os marinheiros.

— Ah! Já temos saudades da bandeira espanhola? — exclamou Martinez, em tom de mofa. — Pois bem, que se retirem os indecisos e vão virar por de avante às ordens de D. Roque ou D. Orteva. Pela nossa, parte não estamos dispostos a obedecer àqueles dois oficiais, e, dê por onde der, havemos de triunfar.

— É isso! É isso! — gritavam todos em coro.

— Camaradas — continuou Martinez —, os nossos comandantes contam navegar com os gerais para as ilhas de Sunda, mas nós lhes mostraremos que se

pode também, sem o seu concurso, bordejar contra as monções do oceano Pacífico.

Os marinheiros que assistiram a este conciliábulo secreto separaram-se em seguida, e cada um deles, por diversos caminhos, voltou para bordo dos seus navios.

No dia seguinte, ao romper da alva, o *Ásia* e o *Constância* levantavam ferro, e, fazendo proa de sudoeste, seguiram ambos com todo o pano para a Nova Holanda. O tenente Martinez tinha reassumido as suas funções, mas, segundo as ordens do comandante, era vigiado de perto.

Entretanto, D. Orteva sentia-se preocupado por sinistros pressentimentos. Ele bem via como estava iminente a queda da marinha espanhola, queda que a insubordinação ainda tornava mais rápida e visível. Além disso, como bom patriota, não podia habituar-se aos sucessivos reveses que oprimiam a sua pátria e a que tinha vindo servir de remate a revolução dos novos Estados mexicanos. Muitas vezes conversava ele sobre estes graves assuntos com o guarda-marinha Pablo, fazendo-lhe ver a passada supremacia que tinham tido em todos os mares do globo as armadas espanholas.

— Meu Pablo — disse-lhe ele um dia —, os nossos marinheiros já não respeitam a disciplina. Os indícios da insubordinação acentuam-se, especialmente a bordo deste brigue. Receio até, diz-me um pressentimento, que me assassinem por meio de alguma traição. Se tal acontecer, hás de vingar-me, sim?

— Assim o juro, comandante! — asseverou Pablo.

— E, vingando-me, vingarás também a Espanha. Não te faças inimigo de ninguém aqui a bordo; mas lembra-te de que, nestes desgraçados tempos de decadência, o nosso primeiro dever é castigar, quanto for possível, os infames que vendem e atraiçoam a sua pátria.

— Juro-lhe, comandante — replicou o guarda-marinha —, juro-lhe que para castigar os traidores não haverá sacrifício a que não me exponha voluntariamente.

Havia três dias que os navios tinham saído das Marianas. O *Constância* navegava ao largo. O brigue, ligeiro, ágil, gracioso, muito raso e com a mastreação inclinada à ré, galgava rapidamente sobre as ondas, que vinham

cobrir-lhe de espuma as suas oito caronadas de calibre seis.

— Doze milhas, tenente — disse uma tarde o guarda-marinha Pablo a Martinez. — Se continuarmos a andar assim com vento tão largo, a travessia não será demorada.

— Deus o queira — respondeu Martinez. — Já é tempo de vermos um fim às nossas desgraças.

O gajeiro Venâncio achava-se ao mesmo tempo junto do tombadilho e pôde ouvir as palavras do tenente.

— Não tarda que avistemos terra pela proa — afirmou então Martinez em voz alta.

— A ilha de Mindanau — respondeu o guarda-marinha. — Estamos efetivamente a cento e quarenta graus de latitude oeste e oito de latitude norte, e, se me não engano, esta ilha fica...

— A cento e quarenta graus, trinta e nove minutos de longitude e sete graus de latitude — replicou prontamente Martinez.

Venâncio ergueu a cabeça, e, depois de ter feito a Martinez um sinal imperceptível, encaminhou-se para o castelo de proa.

— Não lhe pertence o quarto da meia-noite, senhor guarda-marinha? — perguntou Martinez.

— Pertence — respondeu Pablo.

— São seis horas da tarde, não devo estar a demorá-lo.

Pablo afastou-se.

Martinez ficou só no tombadilho e lançou os olhos sobre o *Ásia*, que navegava a sotavento do brigue. A tarde estava magnífica e pressagiava uma dessas esplêndidas noites que tão serenas e aprazíveis são nos trópicos.

O tenente procurou ver quem estava de quarto. Era o gajeiro Venâncio e alguns dos marinheiros que tinham assistido na ilha Guajan à entrevista.

Martinez aproximou-se num movimento rápido do homem do leme. Disse-lhe duas palavras ao ouvido e retirou-se.

Contudo, ter-se-ia notado que, depois daquela recomendação em voz baixa,

a cana do leme se virou um pouco mais para barlavento, de forma que o brigue não tardou a aproximar-se gradualmente da nau.

Contra os hábitos de bordo, Martinez passeava a sotavento, a fim de observar melhor os movimentos da *Ásia*. E, sobressaltado e nervoso, apertava convulsamente nas mãos um porta-voz.

De repente sentiu-se uma detonação a bordo da nau. A este sinal Martinez subiu ao degrau do catavento e gritou com voz enérgica:

— Toda a gente acima do convés! Carrega papa-figos!

Ao mesmo tempo, D. Orteva, seguido dos seus oficiais, saiu do tombadilho e, dirigindo-se para Martinez, perguntou-lhe:

— Que quer dizer esta manobra?

Martinez, sem lhe responder, saltou do degrau do cata-vento, e correu para o castelo de proa.

— Leme de ló! — mandou ele. — Aos braços de proa, a barlavento! Ala braços! Folga a escota à bujarrona!

Logo em seguida, partiram do *Ásia* novas detonações.

A tripulação obedeceu às ordens do tenente, e o brigue, vindo rapidamente para a linha do vento, parou de repente a panejar com a sua gávea.

D. Orteva, voltando-se então para os poucos homens que se lhe tinham agrupado em torno, exclamou:

— Sigam-me todos!

E, avançando para Martinez, acrescentou:

— Prendam-me esse oficial.

— Morra o comandante! — exclamou Martinez.

Pablo e outros dois oficiais desembainharam as espadas e puxaram das pistolas. Alguns marinheiros, com o contramestre Miguel à frente, puseram-se do seu lado; os revoltosos, porém, desarmaram-nos imediatamente, apoderando-se de todos eles.

Os soldados de marinha e quase toda a tripulação estenderam-se à largura do navio e caminharam contra os oficiais. Estes e os poucos marinheiros fiéis

que ainda os acompanhavam, encostados de encontro ao tombadilho, só tinham um partido a seguir: era precipitarem-se sobre os revoltosos.

D. Orteva apontou o cano da sua pistola contra Martinez.

Ao mesmo tempo, subiu ao ar um foguete de bordo da *Ásia*.

— Vencemos! — exclamou Martinez.

A bala de D. Orteva, errando o alvo, foi perder-se no espaço.

O comandante cresceu impetuosamente sobre Martinez, mas, vencido pelo número e ferido gravemente, não tardou que se visse em poder dos rebeldes. Alguns instantes depois todos os oficiais estavam presos também.

Nas enxárcias do brigue içaram-se então alguns faróis em resposta aos da nau. A revolta havia igualmente triunfado a bordo do *Ásia*.

O tenente Martinez estava senhor do *Constância*, e os seus prisioneiros foram lançados em monte para a antecâmara do comandante. Os instintos ferozes da tripulação acabavam, porém, de se despertar em vista do sangue. Não lhes bastava ter vencido; era-lhes necessário também matar.

— Matemo-los! — gritavam brutalmente os mais sanguinários dos amotinados. — Morram os oficiais! Um homem só deixa de ser perigoso quando está verdadeiramente morto.

O tenente Martinez, à frente de alguns destes miseráveis, dirigiu-se para a antecâmara do comandante; o resto, porém, da tripulação opôs-se a semelhante barbaridade, e os oficiais tiveram assim as vidas salvas.

— Conduzam-me à tolda o comandante — ordenou Martinez imperiosamente. A ordem foi logo cumprida.

— Orteva — acrescentou Martinez —, sou eu agora que comando estes dois navios. D. Roque também, como tu, é meu prisioneiro. Amanhã deitá-los-emos a ambos numa costa deserta, e seguiremos depois para as águas do México. Chegados ali, os dois navios serão vendidos ao Governo da nova República.

— Traidor! — respondeu D. Orteva, em tom de desprezo.

— Amura papa-figos e braceia à molina! Amarrem-me este homem no tombadilho. E apontava para D. Orteva. Assim se fez.

— Os outros para o porão! Pronto a virar por de avante! Mete o leme de ló!

Vivo!

A manobra executou-se com rapidez.

O comandante D. Orteva achou-se desde então a sotavento do brigue, um pouco escondido pela vela ré. Daquele ponto, porém, ainda se ouvia chamar a Martinez «infame» e «traidor».

Martinez, fora de si, correu de machado em punho ao tombadilho. Evitaram que ele se aproximasse do comandante, mas, com um golpe vigoroso, aquele mau homem cortou as escotas da vela ré. A retranca, precipitada impetuosamente pelo vento, foi bater na cabeça de D. Orteva, esmagando-lhe o crânio.

Sentiu-se a bordo do brigue uma exclamação de horror.

— Morto por acidente — disse Martinez cinicamente. — Deitem ao mar esse cadáver.

E as suas ordens foram, como até ali, postas em prática.

Os navios, depois desta cena, continuaram o seu rumo, dirigindo-se a todo o pano para as plagas mexicanas.

No dia seguinte, avistou-se uma ilhota pelo través. Arriaram-se os escaleres do *Ásia* e do *Constância*, e todos os oficiais, à exceção do guarda-marinha Pablo e do contramestre Miguel, que tinham pactuado com a revolta, foram lançados sobre aquela costa deserta. Felizmente para eles, alguns dias depois passou por ali um baleeiro inglês, que os levou para Manila.

Porque seria que Pablo e Miguel se tinham passado para o lado do tenente Martinez? Esperemos pelos acontecimentos, a fim de os julgar.

Algumas semanas depois, os dois navios largaram âncora na baía de Monterey, ao norte da Baixa Califórnia. Martinez fez saber ao governador militar quais eram as suas intenções. Oferecia ao México, que não possuía vasos de guerra, os dois navios espanhóis com as suas munições e armamentos, pondo os respectivos tripulantes à disposição da nova República. Em recompensa, esta deveria pagar-lhes integralmente todos os vencimentos em dívida desde a sua saída de Espanha.

A estas propostas, respondeu o governador que não tinha poderes bastantes para tratar. Lembrou, porém, a Martinez que se dirigisse à capital da República,

onde melhor se poderia dar solução ao seu negócio. O tenente seguiu o conselho, e, depois de ter concedido um mês à orgia e aos prazeres, deixou a *Ásia* ancorada em Monterei, e fez-se de novo ao largo no *Constância.* Pablo, Miguel e o gajeiro Venâncio acompanharam-no também, e o brigue, navegando com bom vento, fez força da vela para chegar ao porto de Acapulco o mais depressa possível.

II

De Acapulco a Cigualan

Quatro portos marítimos conta o México sobre a costa do oceano Pacífico: S. Brás, Zacatula, Tehuantepec e Acapulco. De todos eles é o último que oferece aos navios maior número de vantagens. A cidade, insalubre e mal construída, tem, contudo, uma baía vasta e segura, onde cem naus podem estar à vontade. Rochedos elevados abrigam de todos os lados as embarcações, formando uma enseada de águas tão serenas que um estrangeiro, ao chegar ali por terra, julga achar-se em frente de um lago a que um cinturão de montanhas serve de grandiosa moldura.

A cidade de Acapulco era nesta época protegida por três bastiões, que a flanqueavam da direita, e a entrada do porto defendida por uma bateria de sete peças. Em caso de necessidade esta bateria cruzava os seus fogos em ângulo reto com os do forte S. Diego, cujas trinta peças dominavam a enseada inteira e podiam meter a pique todo e qualquer navio que tentasse entrar à força.

A cidade não tinha, pois, motivos para recear surpresas por parte do mar.

Contudo, passados três meses depois dos acontecimentos acima descritos, achou-se ela um dia acometida de grande pânico. É que acabava um navio de ser avistado ao largo. Os habitantes de Acapulco, extremamente inquietos, não sabiam a que atribuir o aparecimento de semelhante barco. A nova Confederação temia ainda, não sem motivo, que a Espanha tornasse a impor-lhe o seu domínio. Apesar dos tratados de comércio celebrados com a Grã-Bretanha, e se bem que o encarregado de negócios de Londres já se achasse no México e tivesse reconhecido a República, o novo Governo, contudo, não tinha um só vaso de guerra que pudesse defender as costas mexicanas.

Donde quer que viesse aquele navio, devia ser seu comandante algum marinheiro audaz, porque, desde o equinócio do outono até a primavera não se atravessam estes mares sem ter de se lutar seriamente com os ventos fortíssimos que neles reinam. Os moradores da cidade, receosos e sobressaltados, preparavam-se já para repelir qualquer agressão quando o navio tão temido içou na carangueja a bandeira da independência mexicana.

A meia distância de um tiro de canhão, antes de chegar ao porto, o *Constância*, cujo nome se lia distintamente no painel da popa, fundeou de

repente, ferrando o pano sobre as vergas e arriando um escaler ao mar. Pouco depois entrava o escaler na enseada.

O tenente Martinez, tão logo desembarcou, dirigiu-se à casa do governador, pondo-o ao corrente das circunstâncias que o tinham ali levado. O governador aplaudiu a resolução, que lhe comunicou Martinez, de ir combinar na capital da República com o seu presidente, o general Guadalupe Vitória, qual o preço por que deveriam ser vendidos os dois navios, a nau *Ásia* e o brigue *Constância.* Assim que correu na cidade esta notícia, converteram-se em júbilos os receios de algumas horas atrás. A população inteira veio admirar o primeiro navio da marinha mexicana; e, se nesta aquisição reconheceu um ato de indisciplina espanhola, também viu nela uma garantia segura para reagir eficazmente contra qualquer nova tentativa dos seus antigos dominadores.

Martinez voltou a bordo. Algumas horas depois o *Constância* ancorava dentro do porto, e a sua tripulação era repartida pelas diferentes casas dos habitantes de Acapulco.

Quando, porém, Martinez fez a chamada da sua gente, notou que faltavam dois homens. O guarda-marinha Pablo e o contramestre Miguel tinham desaparecido.

O México distingue-se entre todas as regiões do globo pela grande extensão e altura do planalto que lhe fica ao centro. A vastíssima cordilheira, conhecida pelo nome genérico dos Andes, atravessa toda a América Meridional, e, ao entrar no México pela fronteira da República da Guatemala, divide-se em duas ramificações, que tornam paralelamente acidentadas ambas as costas do território mexicano. As ditas ramificações são apenas as vertentes do imenso planalto de Anahuac, situado dois mil e quinhentos pés acima dos mares vizinhos. Esta continuação de planuras, muito mais extensas e não menos uniformes que as do Peru e da Nova Granada, ocupa cerca de três quintas partes do país. A cordilheira, quando penetra na antiga Intendência do México, toma o nome de Sierra Madre, e estende-se até ao quinquagésimo sétimo grau de latitude norte, depois de se ter fracionado em três ramos pela altura das cidades de S. Miguel e Guanaxato.

Entre a baía de Acapulco e a cidade do México, distantes uma da outra oitenta léguas, os movimentos de terreno são menos ásperos e os declives menos escabrosos que entre a capital e Vera Cruz. O viajante, depois de ter percorrido da parte do grande Oceano um solo onde abunda o granito, de que o próprio

porto de Acapulco é um espécime, passa a não encontrar senão rochas porfíricas, das quais a indústria do homem extrai o gipso, o basalto, o calcário primitivo, o estanho, o cobre, o ferro, a prata e o ouro. A estrada de Acapulco para a capital do México oferecia precisamente vários pontos de vista e vários sistemas de vegetação, a que não pareciam prestar atenção dois homens que cavalgavam um junto do outro, alguns dias depois de o brigue *Constância* ter ancorado.

Eram Martinez e Venâncio os dois viajantes. O gajeiro conhecia perfeitamente o caminho. Tão poucas vezes tinha ele percorrido as montanhas de Anahuac! Por isso, não hesitara em recusar o oferecimento que lhe fizera um índio para lhe servir de guia. Montados em excelentes cavalos, os dois aventureiros dirigiam-se rapidamente para a capital.

Duas horas depois de um trote largo, que os não tinha deixado falar, o gajeiro decidiu-se a fazer alto.

— A passo, meu tenente — disse ele, esbaforido. — Valha-me a Virgem Maria! A continuarmos assim a jornada, eu antes quisera estar num *cacatois*[1] em meio a uma tempestade de vento noroeste.

— Nada de perder tempo! — retorquiu Martinez. — Estás bem certo, Venâncio, de que não te enganaste no caminho?

— Qual me enganei! Conheço estas serras como os meus dedos, como o tenente conhece o rumo de Cádis para Vera Cruz, com a diferença de que não temos aqui a temer nem as tempestades do golfo, nem os escolhos das entradas de Taspan ou de Santander. Vamos, portanto, a passo.

— A passo, não, a galope — volveu Martinez, tocando com as esporas o seu cavalo.

— Assusta-me, não sei porquê, este repentino desaparecimento do guarda-marinha e do contramestre. Quereriam eles reservar só para si a importância da venda, roubando-nos a parte que nos pertence?

— Por S. Tiago! Só nos faltava vir isso! — respondeu cinicamente o gajeiro. — É verdade que quem rouba a ladrão…

— Quantos dias nos faltam ainda para chegar à capital?

— Quatro ou cinco, meu tenente. É um passeio! Mas vamos a passo. Bem vê que o caminho vai começando a subir.

Sobre a extensa planície notavam-se já, efetivamente, as primeiras ondulações da serra.

— Os cavalos não estão ferrados, e lembre-se o tenente de que estas rochas de granito depressa lhes dão cabo dos cascos — ponderou o gajeiro, abrandando o passo.— No fim de contas não é bonito dizer mal de tais rochas. Devemos lembrar-nos de que nas suas entranhas se oculta o ouro, e, se agora vamos passando por cima de tão apetitoso metal, não é isso razão para o desprezarmos.

Os dois viajantes chegavam, entretanto, a uma pequena eminência, ensombrada de palmeiras e de nopais e atapetada de várias plantas herbáceas. A seus pés dilatava-se uma vasta planície cultivada, oferecendo à vista a luxuriante vegetação dos países quentes. Da esquerda cortava a paisagem uma floresta de anacárdios. Graciosas pimenteiras balouçavam os seus ramos flexíveis às aragens abrasadoras do oceano Pacífico. Pelos campos, estendiam-se abundantes plantações de cana-de-açúcar. Os algodoeiros agitavam brandamente os seus espessos penachos pardacentos. Num e noutro ponto viam-se em opulenta confusão o convólvulo ou jalapa medicinal, o pimentão vermelho, os cacoeiros, os anileiros e os paus santo e de campeche. Todos os produtos variados da flora tropical: dálias, mentzélias e heliantos iriavam com as suas cores múltiplas esta esplêndida região, que é a mais fértil da Intendência do México.

A terra parecia aqui animar-se na verdade sob os raios ardentíssimos que o sol prodigamente lhe dispensava. Mas, também, sob a influência de tão excessivo calor, estorciam-se nas vascas da febre-amarela os seus infelizes habitantes. Eis porque se encontravam sem movimento e sem vida estas ermas e silenciosas paragens.

— Que elevação é aquela que além se observa adiante de nós? — perguntou Martinez ao seu companheiro.

— É o cone da Brea, pouco mais alto que a planície— respondeu desdenhosamente o gajeiro.

Este cone era a primeira saliência de certa importância que apresentava a imensa cordilheira.

— Apressemo-nos — tornou Martinez. — Os cavalos que montamos são das *haciendas* do México Setentrional e, pela prática de correr através das savanas, estão muito habituados a estas desigualdades de terreno. É aproveitar, portanto, os declives, e sair quanto antes destas imensas solidões, que parecem

feitas de propósito para nos entristecerem.

— Estará o tenente com remorsos? — perguntou Venâncio, encolhendo os ombros.

— Remorsos!... Era o que me faltava!

Martinez caiu de novo em silêncio absoluto, e os dois cavaleiros continuaram a trotar.

Chegaram, assim, ao cone da Brea, caminhando por entre pequenos carreiros abertos à ilharga dos precipícios, que ainda estavam longe de poderem competir com os insondáveis abismos da Sierra Madre. Quando acabaram de transpor o cone e se viram na vertente do lado oposto, pararam alguns momentos para darem folga aos cavalos.

Ia pôr-se o sol na ocasião em que Martinez e o seu companheiro se apresentavam à entrada da aldeia de Cigualan. Esta aldeia possuía apenas algumas cabanas habitadas por miseráveis índios, a quem se dá o nome de “mansos”, e que vivem da agricultura. Os indígenas sedentários são geralmente muito preguiçosos. Basta-lhes para viver que se deem ao trabalho de levantar do chão as imensas riquezas deste solo fecundíssimo. A sua ociosidade distingue-os não só dos índios que habitam os planos superiores da cordilheira, ativos por necessidade, como também dos nômadas do Norte, que se entregam à rapina e que não têm habitações fixas.

Medíocre foi a hospitalidade que os dois espanhóis aqui receberam. Os índios, vendo neles os seus antigos opressores, não se mostraram muito dispostos a serem-lhes agradáveis.

Além disso, havia pouco tempo que tinham por ali passado outros dois viajantes, levando consigo os poucos gêneros de comida de que a povoação dispunha.

O tenente e o gajeiro não fizeram caso desta particularidade, que, de resto, nada tinha de extraordinária. Martinez e Venâncio abrigaram-se numa espécie de casebre, tendo apenas para refeição uma cabeça de carneiro, que eles próprios se viram obrigados a cozinhar. Para esse fim abriram no chão uma cova, e enchendo-a de cavacos e de pedras, para que conservassem o calor, deitaram-lhe fogo, deixando arder bem as matérias combustíveis. Depois, sobre as cinzas ainda quentes, e sem nenhum outro preparo, depuseram a modesta peça de carne,

cobrindo-a hermeticamente com ramos secos e terra solta. Passados alguns minutos estava pronto o assado, que foi logo comido com a consciência de quem tinha o apetite aguçado por uma longa jornada. Terminado o parco jantar, estenderam-se no chão, armados dos seus competentes punhais. Apesar da dureza da cama e das incessantes mordeduras dos mosquitos, não tardou muito que os dois companheiros se deixassem profundamente adormecer.

Entretanto Martinez, no meio de um sonho agitado, repetia muitas vezes os nomes de Pablo e de Miguel, cujo desaparecimento não deixava de lhe causar sérias inquietações.

III

De Cigualan a Tasco

No dia seguinte, ao romper da manhã, já os cavalos estavam selados e prontos para a jornada. Os dois companheiros embrenharam-se pelos caminhos mal trilhados que se abriam diante deles ao nascente. O dia não se anunciava mal. Se não fossem os modos taciturnos do tenente, contrastando com a jovialidade do gajeiro, todos os teriam tomado por dois dos mais honrados viajantes deste mundo.

O terreno cada vez era mais íngreme. Passados alguns minutos, apresentou-se à vista dos espanhóis, dilatando-se até aos últimos limites do horizonte, a imensa planura de Chilpanzingo, onde reina o melhor clima do México. Esta região, que pertence às terras temperadas, acha-se situada a mil e quinhentos metros acima do nível do mar, e nem está sujeita ao calor dos terrenos mais inferiores nem ao frio das zonas mais elevadas. Deixando à direita este aprazível oásis, Martinez e Venâncio chegaram à pequena aldeia de S. Pedro, onde resolveram descansar três horas, seguindo depois em direção à vila de Tutela del Rio.

— A que terra iremos ficar esta noite? — perguntou Martinez.

— A Tasco, meu tenente, que, em relação a estas aldeolas, pode julgar-se uma grande cidade — informou Venâncio.

— Acharemos lá alguma pousada decente?

— Acharemos e, além da pousada, um céu magnífico e um clima delicioso.

O sol já não se mostra ali tão quente como à beira-mar. Por isso, continuando sempre a subir, acha-se uma pessoa, sem dar por tal, nos cumes gelados do Popocatepelt.

— Quando é que teremos de atravessar a serra, Venâncio?

— Depois de amanhã à tarde. Em nós chegando aos seus pontos mais altos, já poderemos ver, se bem que de longe, o termo da viagem. É uma cidade de ouro a capital do México! Sabe em que estou pensando, tenente?

Martinez não respondeu.

— Na sorte que terão tido aqueles oficiais da nau e do brigue que nós deixamos abandonados na ilhota.

Martinez sentiu por todo o corpo um estremecimento.

— Falemos noutra coisa — propôs Martinez com a voz alterada.

— Cá por mim, inclino-me a supor — continuou Venâncio — que tão guapos cavalheiros não podiam deixar de morrer de fome. Demais a mais, alguns deles caíram ao mar quando os desembarcamos, e naquelas alturas há uma espécie de tubarão, a *tintorea*, que não costuma poupar as suas vítimas. Justos céus! Se D. Orteva ressuscitasse agora, era caso para nos escondermos dentro de alguma baleia! Mas qual! A cabeça do comandante achou-se tão a propósito debaixo da retranca, e as escotas partiram-se tanto a tempo que…

— Tu não te calas? — exclamou Martinez. O gajeiro não acabou a sua frase.

— Ora, aqui está o que é ter escrúpulos bem cabidos! — disse consigo mesmo Venâncio. — Parece-me que à volta da capital — acrescentou ele em voz alta — dou em fixar a minha residência neste admirável país. Por aqui só se bordeja entre campos de bananas e ananases, e ou são de ouro ou de prata os escolhos em que se toca.

— Foi para isso que te associaste à revolta? — perguntou Martinez.

— Pois então! A revolta para mim não passou de uma questão de dinheiro.

— Dinheiro! — murmurou Martinez em tom de lástima.

— E para o tenente o que foi ela? — retorquiu Venâncio.

— Para mim foi uma questão de postos. O subalterno queria suplantar o comandante.

— Ambição de galões! — balbuciou Venâncio em tom de desprezo.

Embora fossem diferentes os motivos a que obedeciam, estes dois homens eram dignos um do outro.

— Espera! — disse Martinez, parando subitamente com o cavalo.

— O que é que está adiante?

Venâncio levantou-se sobre os estribos.

— Não vejo nada — respondeu.

— Vi eu! Vi desaparecer um homem a toda a pressa — replicou Martinez.

— Isso foi imaginação.

— Afirmo-te que vi! — insistiu o tenente com impaciência.

— Nesse caso, o melhor é ir desenganar-se.

E Venâncio continuou a trotar.

Martinez avançou sozinho para um bosque de mangueiras, cujos ramos, apenas tocam em terra, criam logo raízes, formando novas árvores.

O tenente apeou-se. Era completa a solidão.

De repente, viu agitar-se no solo uma linha em espiral. Acercou-se. Era uma serpente de pequena envergadura, com a cabeça esmagada debaixo de um pedaço de rocha e com a extremidade do corpo ainda a estorcer-se, como se estivesse galvanizada.

— Aqui esteve alguém! — exclamou o tenente.

Martinez, supersticioso, e além disso com a consciência a acusá-lo do crime cometido, pôs-se a olhar com terror para todos os lados.

— Quem seria? Quem seria? — vociferava ele a altos berros.

— Então, que temos? — disse Venâncio, que voltara atrás, atraído pelas exclamações do companheiro.

— Não é nada — respondeu Martinez. — Vamos para diante.

Os viajantes ladearam as margens da ribeira de Mexala, pequeno afluente do rio Balsas. A fumaça de algumas cabanas denunciou-se-lhes dentro em pouco a presença dos indígenas e não tardou que se avistasse ao fundo a vila de Tutela dei Rio. Como, porém, os viajantes estavam com o desejo de chegar a Tasco antes da noite, apenas aqui se demoraram alguns momentos.

O caminho cada vez se tornava mais escarpado. Os cavalos já não avançavam senão a passo. Dos lados da serra viam suceder-se os olivais. Tanto no terreno como na temperatura e na vegetação eram notáveis as diferenças que começavam a sentir-se.

A noite ia aproximando-se. Martinez seguia atrás de Venâncio. Este só

muito a custo lograva orientar-se no meio daquelas sombras, procurando os trilhos mais acessíveis e praguejando ora contra os troncos dispersos no chão, que lhe faziam tropeçar o cavalo, ora contra a ramada das árvores, que lhe açoitava o rosto, e quase lhe apagava o belo charuto que ia fumando.

O tenente seguia-o abstratamente. Parecia que um vago remorso se apoderara pouco a pouco do seu espírito, deixando-o como que inconsciente do que se passava em torno dele.

A noite caíra de todo. Venâncio incitara os cavalos, que atravessaram sem parar as aldeias de Contepec e de Iguala. Alguns momentos depois chegavam os dois viajantes a Tasco, como desejavam.

Venâncio tinha dito a verdade. Tasco era uma grande cidade comparada com as mesquinhas povoações que lhe ficavam atrás. Na sua melhor rua havia uma pousada. Depois de entregarem os cavalos a um moço de cavalariça, os viajantes entraram para uma casa de jantar, onde a mesa estava posta.

Venâncio e Martinez sentaram-se um defronte do outro, e deram começo a uma refeição que teria sido suculenta para qualquer paladar indígena, mas que só a fome poderia tornar admissível a um paladar europeu. Eram quartos de galinha com molho de pimentão verde, uma travessa de arroz adubado com açafrão e pimentão vermelho, algumas aves recheadas de alhos, passas, avelãs e azeitonas, grãos, beldroegas e doce de abóbora, tudo isto acompanhado de *tortillas*, torradas feitas de pão de milho. À falta de melhores manjares satisfazia-se o apetite.

Em seguida, Martinez e Venâncio, cansados da jornada, deixaram-se adormecer, para só acordarem no outro dia, já muito depois de o sol ter nascido.

IV

De Tasco a Cuernavaca

O primeiro que acordou foi Martinez.

— De pé, Venâncio, de pé!

O gajeiro estendeu os braços, espreguiçando-se.

— Que caminho devemos nós tomar? — perguntou Martinez.

— Conheço dois, meu tenente.

— Quais são?

— Um que passa por Zacualican, Tenancingo e Toluca; excelente de Toluca por diante, em consequência de já lhe ficar para trás a Sierra Madre.

— E o outro? — O outro afasta-se um pouco para leste, mas em compensação corre junto das belas montanhas do Popocatepelt e do Icctacihualt. É o mais seguro por ser o menos frequentado. Pode considerar-se um passeio de quinze léguas de encosta.

— Pois vamos por esse, mas sem demora. Onde doemiremos esta noite?

— Em Cuernavaca, se pudermos vencer as nossas doze milhas — respondeu o gajeiro.

Os dois companheiros dirigiram-se à cavalariça, mandaram selar os cavalos, e encheram as *mochillas*, espécie de alforjes, que fazem parte dos arreios, de carnes secas, romãs e pão de milho, porque nas serras não se encontrariam casas de comida. Paga a despesa da sua hospedagem, puseram-se a cavalo e tomaram sobre a direita.

Os viajantes iam atravessando justamente os lugares onde começava a aparecer o carvalho, árvore de bom agouro, que serve como de limite às emanações insalubres das planuras inferiores. Nestas regiões, a mil e quinhentos metros acima do nível do mar, encontravam-se confundidas com a vegetação indígena as produções importadas de Espanha, desde a época da conquista. Pelos férteis oásis, onde se dão todos os cereais da Europa, estendiam-se agora as abundantes searas. As árvores da Ásia e da França abraçavam-se nas laçarias formadas pela sua espessa ramagem. As flores do Oriente matizavam os campos,

convertidos num tapete de variadas cores, onde se distinguem as violetas, os cravos, a verbena e as boninas das zonas temperadas. Alguns arbustos resinosos acidentavam num e noutro ponto a paisagem, e os ares perfumavam-se com os suaves aromas da baunilha, que se abrigava à sombra dos amíris e dos liquendâmbares. Os dois aventureiros sentiam-se bem nesta agradável temperatura de vinte a vinte e dois graus, comum às zonas de Jalapa e de Chilpanzingo, conhecidas pelo nome de terras temperadas.

No entanto, Martinez e seu companheiro elevavam-se cada vez mais no planalto de Anahuac, transpondo as imensas barreiras que formam a planície do México.

— Cá está — dizia Venâncio — a primeira das três correntes que temos de atravessar.

Efetivamente, adiante dos dois espanhóis destacava-se uma estreita e profunda ribeira.

— A última vez que por aqui passei, não tinha ela tanta água — disse Venâncio. — Siga-me, tenente.

Ambos se puseram a descer por uma suave ladeira aberta na própria rocha. Poucos momentos depois, Venâncio e Martinez chegavam a um vau facílimo de transpor.

— Uma de menos já nós marcamos — afirmou o gajeiro.

— As outras correntes serão vadeáveis como esta? — perguntou o tenente.

— São — respondeu Venâncio. — Quando a estação das chuvas as engrossa, vão todas elas precipitar-se na ribeira de Ixtolucca, por onde havemos de passar em chegando às grandes montanhas.

— E não haverá perigo em atravessar estas solidões?

— Nenhum, a não ser o punhal dos mexicanos.

— É verdade — respondeu Martinez. — Estes índios das terras altas afeiçoam-se ao punhal por tradição.

— E que de palavras que eles têm para designar a sua arma predileta! — respondeu a rir o gajeiro. — Chamam-lhe estoque, verdugo, puna, *cuchillo* e beldoque! São tão prontos em manejá-lo como em lhe dar diferentes nomes. Tanto melhor! Ao menos escusa de estar a gente com medo das armas de fogo.

Não há nada mais vexatório que a bala invisível de uma carabina. Sempre faz zanga não se saber quem é o patife que nos manda para o outro mundo.

— Quais são os índios que habitam estas montanhas?

— Podem-se lá contar as raças que se multiplicam neste Eldorado do México! Ora veja o tenente os diversos cruzamentos que já me dei ao trabalho de estudar, com o fim talvez de contrair lá para diante algum matrimônio vantajoso. Temos o mestiço, filho de espanhol e de índia; o castiço, filho de mulher mestiça e de espanhol; o mulato, filho de espanhola e de negro; o monisco, filho de mulata e de espanhol; o albino, filho de monisca e de espanhol; o tornatrás, filho de albino e de espanhola; o tintinclaro, filho de tornatrás e de espanhola; o lobo, filho de índia e de negro; o caribujo, filho de índia e de lobo; além do barsino, do grifo, do albarazado, do chaniço e de vários outros que seria ocioso referir.

Dizia a verdade o gajeiro: a pureza das raças, muito problemática nestes países, torna incertos e difíceis os estudos antropológicos. Mas, apesar das eruditas conversações de Venâncio, o tenente caíra de novo na sua primitiva taciturnidade. Chegava até a afastar-se do companheiro, cuja presença parecia incomodá-lo. Não tardou que se encontrassem as outras duas correntes.

Martinez, porém, ficou descoroçoado vendo-as completamente secas, porque esperava dar ali de beber ao seu cavalo.

— Ora, aqui estamos nós em calmaria podre. Sem água e com poucos víveres — disse Venâncio. — Acompanhe-me, tenente. Busquemos entre os carvalhos e os ulmeiros uma árvore chamada *ahuehuelt*, a cuja sombra se encontra sempre algum manancial. A *ahuehuelt* é como o ramo de louro à porta da taberna. Não é vinho que ela oferece, é água! Mas, sabidas as contas, a água é o vinho do deserto.

Os viajantes ladearam o caminho e, penetrando no seio de um carvalhal, deram bem depressa com a árvore em questão. Mas a prometida nascente não tinha água! Via-se até que estava estancada há pouco tempo.

— É estranho! — observou o gajeiro.

— Que haverá em tudo isto? — perguntou Martinez, tornando-se pálido. — Vamos para diante, Venâncio, vamos para diante!

Os viajantes não proferiram uma só palavra até chegarem a Cacahuimilchan, onde aliviaram um pouco os alforjes. Depois, prosseguiram na

jornada, pelo lado de leste, com destino a Cuernavaca.

O terreno começava a ser extremamente escarpado e já fazia lembrar os picos formidáveis, em cujas extremidades basálticas pairam as nuvens que vêm do grande Oceano. Ao dobrar de um enorme rochedo, apareceu à vista dos viajantes o forte de Cochicalcho, cuja esplanada mede nove mil metros quadrados.

O tenente e o gajeiro dirigiram-se para o imenso cone que forma a base deste forte, do tempo dos antigos mexicanos, hoje coroado de rochedos oscilantes e de ruínas quase a desabar.

Depois de se terem apeado, Venâncio e Martinez prenderam os cavalos ao tronco de um ulmeiro, e, com o fim de estudarem a direção do caminho, subiram ao alto do cone, auxiliados pelas escabrosidades do terreno.

A tarde ia declinando. A pouca luz que ainda lutava contra as sombras da noite já revestia os objetos de contornos indecisos, dando-lhes uma aparência fantástica. O forte derrocado dava ideias de um búfalo colossal, que estivesse estendido com a cabeça em perfeita imobilidade. Martinez, inquieto e desconfiado, supunha distinguir como que vultos agitando-se vagamente sobre o corpo do monstruoso animal. Calou-se, porém, para não provocar as zombarias do cínico Venâncio. Este avançava lentamente pelos trilhos da serra, e quando sucedia ficar escondido atrás de algum imenso rochedo, punha-se a gritar por S. Tiago e pela Virgem, a fim de guiar com o som da voz o seu companheiro demorado.

De repente, levantou-se no ar uma enorme ave noturna, batendo vagarosamente as asas e soltando um grito rouquenho.

Martinez estacou assustado.

Por cima dele, a uns trinta pés de altura, sentiu-se oscilar pela base um enorme pedaço de rocha, que, desprendendo-se subitamente da montanha, se foi despenhar no abismo com a velocidade do raio e o fragor do trovão. Na sua queda a massa de pedra tinha triturado tudo que lhe ficava ao alcance.

— S. Tiago e avante! — gritou o gajeiro.

— Olá, tenente!

— Onde estás, Venâncio?

— Por aqui, por aqui.

Os dois espanhóis tornaram a juntar-se.

— Que formidável penedo! — disse o gajeiro.

Martinez seguiu Venâncio sem dizer uma palavra, e dentro em pouco chegavam ambos de novo à planície inferior.

A passagem do penedo denunciava-se por um sulco profundíssimo.

— Esta é melhor! — exclamou Venâncio. — Foram-se os cavalos! Morreriam eles esmagados?

— Santo Deus! — balbuciou Martinez.

A árvore, onde estavam presos os dois animais, tinha desaparecido com eles.

— Olhem o que nos esperava, se não estivéssemos a pé! — observou filosoficamente o gajeiro.

Martinez sentiu-se dominado por um inexplicável sentimento de terror.

“A serpente! O manancial! O penedo!”, dizia ele a si próprio.

De repente, precipitou-se sobre Venâncio com o olhar desvairado.

— Para que estás a falar-me do comandante D. Orteva? — exclamou ele, contraindo os lábios num acesso de cólera febril.

Venâncio recuou.

— Vamos, tenente!... Nada de perder a cabeça! Digamos um derradeiro adeus aos nossos cavalos, e a caminho. Quando a velha montanha se lembra de sacudir a juba, não é lá muito acertado demorar-se a gente nela.

Os dois aventureiros puseram-se a andar sem dizer uma palavra. Era já muitíssimo tarde quando chegaram a Cuernavaca. À falta de cavalos, foi a pé que deste ponto se dirigiram na manhã seguinte para a montanha do Popocatepelt.

V

De Cuernavaca a Popocatepelt

A temperatura tornara-se fria e a vegetação desaparecera de todo. Estas inacessíveis alturas pertencem às zonas glaciais chamadas “terras frias”. Os pinheiros das regiões nebulosas começavam já a mostrar os seus recortados perfis por entre os raros carvalhos que ainda se avistavam. As nascentes iam sensivelmente desaparecendo nestes terrenos, compostos em grande parte de traquites fendidas e de amidaloides porosas.

Havia seis horas que Martinez e Venâncio se arrastavam a custo, rasgando as mãos nas arestas agudas dos rochedos e os pés nos ásperos seixos do caminho. A fadiga obrigou-os pouco depois a descansar. Venâncio tirou dos alforjes alguns pedaços de carne.

“Maldita ideia que eu tive em não ir por onde todos vão!”, disse ele consigo.

Em Aracopistla, aldeia completamente perdida nas montanhas, esperavam ambos encontrar qualquer meio de transporte para concluírem a viagem. Mas que decepção não foi a deles ao verem aqui a mesma falta de hospitalidade, a mesma falta de recursos que tinham notado em Cuernavaca!

Contudo, era preciso avançar! Ao mesmo tempo destacava-se no horizonte o imenso cone de Popocatepelt, de altura tal que a vista se perdia entre as nuvens quando tentava descortinar-lhe os limites. A subida era assombrosamente árida. Por entre as asperezas do terreno surgiam os abismos insondáveis. Os carreiros vertiginosos pareciam vacilar sob os pés dos viajantes. Os dois espanhóis, para se orientarem, tiveram de escalar grande parte desta montanha de cinco mil e quatrocentos metros de altura, a que os índios chamam “Rocha Fumegante”, e que ainda apresentava vestígios de recentes explosões vulcânicas. Dos flancos deste colosso rompiam aos milhares as fendas profundíssimas. O gajeiro não atinava com o verdadeiro caminho neste dédalo de trilhos, que novos cataclismos, depois da sua última viagem, haviam alterado em parte. Era, pois, a medo que ele prosseguia, parando repetidas vezes, a fim de aplicar o ouvido aos diferentes murmúrios que vagamente se cruzavam por entre as voragens do enorme cone.

O sol declinava gradualmente. A atmosfera ia escurecendo cada vez mais,

em consequência das pesadas nuvens que toldavam o céu. Os ares prometiam chuva e trovoada, fenômenos vulgaríssimos nestas regiões em que a elevação do terreno acelera a evaporação da água. Os rochedos, nus de vegetação, mostravam os seus agudíssimos cumes completamente coroados de neve.

— Já não posso mais! — exclamou Venâncio, deixando-se cair ofegante de cansaço.

— Nada de parar! — respondeu-lhe Martinez com febril impaciência.

Pelas profundidades do Popocatepelt sentiu-se ecoar o ribombo do trovão.

— Que um raio me atravesse já se porventura sei onde estou! — disse Venâncio.

— Levanta-te e vamos para diante — intimou Martinez, rudemente. E obrigou Venâncio a pôr-se a caminho.

— E não haver uma alma de Deus que nos sirva de guia! — murmurou o gajeiro, que ia tropeçando a cada passo.

— Tanto melhor! — disse Martinez.

— Mas é que todos os anos se praticam para cima de mil assassinatos na capital do México, não falando dos seus arredores, que não são nada seguros!

— Tanto melhor! — repetiu Martinez.

Sobre as rochas, alumiadas pelos clarões do céu, principiavam a cair uns após outros grossos pingos de água.

— O que é que nós avistaremos quando tivermos atravessado os picos desta montanha? — perguntou o tenente.

— A cidade do México à esquerda e Puebla à direita, se é que se pode distinguir alguma coisa. O mais certo é não se ver nada, porque já está muito escuro. Adiante de nós há de levantar-se a montanha de Icctacihualt, e, no fim da encosta, encontraremos o bom caminho. Mas leve-me a breca se eu sei como lá chegar!

— Não percamos tempo!

Venâncio dizia a verdade. O planalto do México fica encerrado numa enorme cinta de montanhas. É uma vasta planície oval de dezoito léguas de comprimento, doze de largura e sessenta e sete de circunferência, cercada de

altos cumes, entre os quais avultam a sudoeste o Popocatepelt e o Icctacihualt. Vencida a dificuldade de transpor estas altas barreiras, o viajante começa a descer sem custo os declives que o conduzem ao planalto de Anahuac, e, tomando para o norte, acha-se na magnífica estrada que vai ter à cidade do México. É então que se admiram, por entre as longas avenidas de ulmeiros e de choupos, os ciprestes plantados pelos reis da dinastia asteca, e os *schinus*, semelhantes aos chorões do Ocidente. Mais para diante, os campos cultivados e os jardins floridos ostentam os seus primores, enquanto as macieiras, as romeiras e as cerejeiras respiram à vontade sob este céu, que o ar seco e rarefeito das grandes elevações terrestres obriga a ser azul-escuro.

Os trovões continuavam a repercutir-se com extrema violência. A chuva e o vento, cessando por pequenos intervalos, tornavam mais sonoros os ecos da montanha.

Venâncio ia praguejando a cada passo que dava. O tenente Martinez, pálido e silencioso, lançava sobre o seu companheiro um olhar cheio de rancor. Dir-se-ia que lhe pesava a presença daquele cúmplice, de quem desejaria ver-se livre.

De súbito, o clarão de um relâmpago inundou de luz a montanha. As trevas dissiparam-se, e os dois aventureiros viram-se à beira de um abismo!

Martinez correu para Venâncio, pôs-lhe a mão sobre o ombro, e, depois de extintos os últimos rugidos do trovão, disse-lhe:

— Venâncio! Tenho medo!

— Medo dos trovões?

— Não é a fúria dos elementos que me assusta, é a tempestade que sinto desencadear-se dentro de mim mesmo.

— Pensa ainda no comandante? Ora deixe-se disso, tenente!... Não me faça rir! — respondeu Venâncio, que já não ria, porque Martinez estava olhando para ele com os olhos espantados.

Nisto seguiu-se novo trovão, quebrando o silêncio da montanha com o seu rouco estampido.

— Cala-te, Venâncio!... Cala-te! — gritou Martinez, que já não parecia ser senhor de si.

— É bem escolhida a ocasião para me mandar calar — retorquiu o gajeiro.

— Se o tenente está com medo, feche os olhos e tape os ouvidos.

— Parece-me — exclamou Martinez — que estou vendo o comandante D. Orteva com a cabeça esmagada... além... além...

Ao mesmo tempo ergueu-se a vinte passos do tenente e do gajeiro uma sombra negra, que a luz de um relâmpago iluminou por instantes.

Martinez, pálido, sinistro e com as feições transtornadas, aproximou-se, ameaçador, de Venâncio, de punhal erguido.

— Que foi? — bradou o gajeiro.

Outro relâmpago cercou de luz os dois cúmplices.

— Ai, que me matam! — exclamou Venâncio.

E o corpo do gajeiro rolou no chão.

Novo Caim, Martinez acabava de apunhalar o companheiro, fugindo no meio da tempestade com a sua arma erguida a escorrer em sangue.

Poucos minutos depois, aproximavam-se dois homens do cadáver de Venâncio.

— Com este já não se conta! — disse um para o outro.

Martinez, com os cabelos soltos ao vento, errava pelas solidões da montanha, correndo como um desesperado. A chuva caía em cima dele torrencialmente.

— Socorro! Socorro! — bradava o malvado, tropeçando sobre as rochas escorregadias.

De repente, sentiu o estrondo profundo de uma cachoeira.

Martinez parou, aterrado por aquele barulho.

Era a ribeira de Ixtoluca, que se precipitava a uns quinhentos pés abaixo dele.

Alguns passos mais adiante, por cima da corrente, havia uma ponte feita de cordas, presa nas extremidades por algumas estacas encravadas na rocha. Esta ponte balouçava-se como um fio suspenso no espaço.

Martinez agarrou-se às cordas, e assim se foi arrastando pela ponte fora. À

força de energia, conseguiu chegar à extremidade oposta. Ali, viu erguer-se uma nova sombra. Martinez recuou de joelhos, até meio da ponte, com as mãos trêmulas de pavor.

— Martinez, eu sou Pablo! — disse-lhe uma voz.

— Martinez, eu sou Miguel! — acrescentou outra voz.

— Vais morrer, porque foste traidor!

— Vais morrer, porque foste assassino!

Ouviram-se duas pancadas secas. As estacas que sustentavam a ponte cederam aos golpes do machado…

Logo depois, soltou-se um grito, que parecia um rugido. Martinez, com os braços estendidos, foi subitamente despenhado no abismo.

A uma légua de distância, o guarda-marinha e o contramestre tornaram a juntar-se, depois de terem atravessado a vau a ribeira de Ixtoluca.

— Vinguei D. Orteva! — disse Pablo.

— E eu a Espanha! — acrescentou Miguel.

Assim nasceu a marinha da Confederação mexicana. Os dois navios, entregues por traição, ficaram pertencendo à nova República e constituíram o núcleo da pequena esquadra que tinha de disputar mais tarde a Califórnia e o Texas às naus dos Estados Unidos da América.

SOBRE O AUTOR

Júlio Verne (Jules Gabiel Verne**)** (1828 – 1905)**,** considerado o pai da ficção científica, é um dos escritores mais lidos e traduzidos da história da literatura, tendo antecipado várias conquistas científicas e tecnológicas, a exemplo da viagem à Lua. É autor de obras inesquecíveis no gênero, a exemplo de “Vinte mil léguas submarinas”, “Viagem ao centro da Terra”, “Da Terra à Lua” & “À roda da Lua”, “A volta ao mundo em oitenta dias” e “A ilha misteriosa”. O Conto “Um Drama do México” foi publicado originalmente na revista “Musée des Familles”, edição de julho de 1851.

Notes

[← 1]

Espécie de vela náutica.